

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

AMOR E TRABALHO

Director—ANTONIO SALLES.

Gerente SABINO BAPTISTA.

ANNO II

Fortaleza, 15 de Fevereiro de 1935.

NUM. 10.

EXPEDIENTE

Assinaturas por um trimestre 28000
Numero avulso. 500
Pagamentos adiantados.

O Pão publicar-se-á duas vezes por mez.

Pedimos aos collegas da imprensa o obsequio de declararem a origem das poesias que transcreverem desta folha.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso gerente, a rua do Major Faundo n. 4.

SUMARIO—*Os quinze dias*, Ivan & Moacyr; — *A resposta do Mar*, Sabino Baptista; — *As manchas do sol e as secas*, Rodolpho Theophilo; — *Chromos*, X. de Castro; — *Nervos Azul*, Leopoldo Brigido; — *Medalhas*, Moacyr; — *O exame primario*, Arthur Theophilo; — *Intim*, Livio Barreto; — *Recados*, M.; — *O luar no Oceano*, Antonio Salles; — *A nossa correspondencia*; — *Estrôpho Japoneza*, Na-yu-Shima; — *Carteira*.

Os quinze dias

Vae sem uma nota triste a chronica deste numero, escripta sob a deliciosa emoção da mais viva, da mais alegre musica crearense — a chuva — cujas notas, tiradas no espaço pelas pressões atmosféricas, baixam crystallinas e rumorosas do céu a terra em alegre e melodioso *crecendo* descarrugando fronteas angustiadas pela perspectiva de dias enlameados e infiltrando-nos n' alma anemios novos que se traduzem em risos francos e communitarios.

E rapido, do pulso cuja ensenaição nos apresenta um solto crestado, estarrucado pela enastirante e fulva néctar solar, rebenta viva e fresca a paisagem, onde o verde domina e as pupillas cançadas acham repouso suave.

E como um effeito dessas magias que em suas allegorias apresentam aos espectadores depois das ebanumas onde Satan se quebra a constellada tela da mansão dos justos.

Enquanto dura a musica das gotteiras a alma crearense expande-se em

vibrações alleluicas, e dos campos, das coisas animadas e inanimadas, do mar, da terra e dos céus partem vozes formando esse estranho concerto onde por vezes o trovão dá o dó de peito marginal nem quôbrar o rythmo da harmonia universal.

O inverno
Chova! porque enquanto chove não mendigaremos o pão nos nossos vizinhos, teremos cheira os nossos celeiros, serão abundantes e furux as nossas colheitas, não teremos sede, nem fome e os nossos rebulhos tranquilllos pastarão alegres e descuidados pelas campinas.
Chova!

A alegria do começar das chuvas precedeu o jubilo patriótico em todo coração crearense com a decisão justissima da pendencia internacional que o Brazil mantinha com a vizinha Republica Argentina sobre o territorio das Missões.

E a luzidez de espirito de um homem investido de alto cargo que honra e enobrecer devemos a victoria d'essa decisão que deixa de ser nossa para ser um triumpho esplendido do direito e uma garantia mais para o equilibrio da politica americana.

Conquista da razao sobre a força — o direito em seu conjunto — tem feito mais do que todas as guerras que se pulteram nacionalidades e aviltaram povos.

Bello ideal o que nos faz ver a humanidade como uma só familia dispersa em toda superficie terraquea com relações e afinidades juridicas reguladas por uma só lei, agindo e pensando sob um ponto de vista amplo, mas convergindo todo seu esforço para um fim common, embora separados seus membros pela distancia, diferenciados pela cultura intellectual pelas linguas e pelas condições naturaes e pelas religiões.

Estatutos civis e politicos organisados sob um ponto de vista geral, obedecendo aos principios de uma ampla federación firmam do mundo uma nação unica regida pelo altoistico dogma da Fraternidade.

Isto seria, se possível fosse, realisar a perfectibilidade na esphera do direito e a maior conquista do espirito humano em sua evolução para o Bem.

Mas detentamos-nos isto não é chronica, tem chiaro de artigo de fundo: conjunamo-nos as obrigaciones reci-

procas pelo lardo que assegurou aos brasileiros a posse do que era legitimamente nosso mas que, contestado, poderia levar-nos ao cruento sacrificio de uma guerra com um povo americano, com uma nação republicana, afinal, com um povo irmão.

Prepara-se o carnaval, e Momo procura agouitar ao rosto o disfarce garoto e canalha para cabriolar a contento pelas ruas.

Dragões e Conspiradores, se apresentam n' uma azafama auguradora de successos, mas a influencia vai abrindo claros nas fileiras nutes mesmo do combate.

Calculem d'ahi como ellas rarearão de combatentes quando o pó do sapato, o alvando e o zarcão collaborarem em sua acção destruidora de fossas nas saes a par das exhalações aroticas e mophiticas dos quintaes da Fortaleza.

Dizemos — Fortaleza — e não tracema, como se quer alguns, porque não nos conformamos com a idea de mudança do nome da nossa ex-salubre capital.

O nome da Fortaleza vae muito bem a esta cidade — cabeça de um Estado, cuja energia e resistencia são proverbiaes.

A fortaleza e a nossa qualidade caracteristica e como tal deve ser o nome do orgão dirigente da nossa terra.

Vingando a idéa aventada, muitos inconvenientes surgiriam, uns altamente prejudiciaes, outros profundamente commoas.

No estandarte da Camara Municipal seria o forte symbolico substituido pela figura da lendaria cabocla, e em vez da legenda *Fortitudine* analogo a quello symbolo, se inscreveria *Frangitatem*, a unica palavra que pôde acompanhar a effigie de uma mulher, — a incarnação das fraquezas humanas.

E que consideração poderia merecer a na cidade que assim fizesse alarde da sua fraqueza?

Demais, ja tendo o Club Itacema bandeira identica áquella que a municipalidade teria de adoptar, muitos equívocos se dar-ão sempre que esta corporação tivesse de se representar nas marchas civicas, correndo risco de serem os seus representantes tomados por ditos daquelle Club.

E seria decente que os fiscaes, obrigados a gravidade que o cargo exige, exhibissem nos respectivos binnets o

busto da formosa filha das selvas na sua frescura de trage?

Reflectam sobre o caso os promotores da idéa, e não estejam a datar desde já as suas produções litterarias como precedentes do liacema, que por ora é apenas uma villa do alto serião, cujo nome, se não nos falha a memoria, era em outros tempos—Cachaço. Esta antecipação implica tambem uma outra circumstancia que se não deve desprezar.

Como todos sabem, existe em via de gestação a idéa da mudança da capital para Quixeramobim, idéa que já teve a honra de ser condensada em projecto de lei pelo sr. deputado João Paulino e que—quem sabe?—inda pôde ser uma realidade.

Nesta hypothese torna-se necessario um accordo entre os partidarios da mudança de nome da capital e o referido deputado, a quem se poderão juntar para agir no sentido de se fazerem as duas mudanças.

Tomem em consideração estas observações, e não precipitem os acontecimentos para não dar logar a que os censes ausentes, refractarios, como nós, a mudanças de nomes, ao lêrem poesias e contos datados de liacema, exclamem: Cachaço ra ponta!

IVAN & MOMYR.

O LUAR NO OCEANO

(LECONTE DE LISLE)

*No marcalmo, de uns tons infeluidos
Onde nada termina ou se inicia,
Passeio o olhar em todos os sentidos:
Noite não é e nem tambem é dia.*

*Nem uma onda a borbulhar d'espumas,
Nem uma estrella pelo céu uirar;
Nada morre ou desponta em meio ás
brumas:
O espaço não é negro nem é claro.*

*Albatrozes de gritos escarminhos,
Gaivotas irrequietas, num momento,
Tudo fugiu aos pélagos marinhos
Cheios de um morbido aborrecimento.*

*Rumor algum percorre o tombadilho.
O bojo, a ao moer pensadamente,
Apenas mostra á flor d'agua sem brilho
Os seus flancos de cobre reluzente.*

*Homens do quarto, ao longo da amurada,
Fitam, sem ver, a castidão do mar
De somnolentas cegas ondulado,
Brandamente a descer e a se elevar.*

*Mas, para Leste, a loizinte chamaa,
Como umaciza a polcillar o espaço.
Em tremulas palhetas se derrama
Da caga fimbria do horizonte baço.*

*Boia, treme, desdobra-se, gollrja,
Por toda a parte cai fulgindo a tóa,
Turbilhona, de main, lacriminja
Como lusente e diaphana garúa.*

*Aurodisco se mostra, cresce, cresce...
Palpita o mar coluptuouamente...
É no céu cor de pérola apparece
A branca lua a deslizar lentamente.*

ANTONIO SALLER.

1895.

AS MANCHAS DO SOL E AS SECCAS

1

Nas sessões do Instituto Polytechnico, convocadas extraordinariamente em Outubro de 1877 pelo Sr. Conde d'Eu affirm de se conhecer da secca que flagellava algumas provincias do norte do Imperio, appareceu entre outras a opinião da *influencia das manchas solares sobre as invernos e as seccas.*

Aquella corporação reunia o que havia de mais selecto em sciencia no paiz official. Era de presumir que, ferida a discussão sobre as seccas, suas causas e meios de atenuar-lhes os effeitos, apparecesse alguma cousa digna de tão erudita assembléa. Mas tal não aconteceu. Foi uma surpresa para todos que no theatro do flagello palpavam a grande ferida que cada vez mais abria a calamidade no coração da população do Ceará e das provincias limitrophes.

A mim, que escrevia o diario desse povo n'esse maldito tempo, mais do que a todos surpreenderam as proposições aventadas pelos membros do Instituto. Consiğer-as em capitulos especiaes, combatendo-as e lastimando que tivessem sahido de tão illustre corporação. Deixal-as passar sem um protesto me pareceu uma falta grave para com as gerações futuras e para quem eu escrevia um livro em cujas paginas procurava com a maxima fidelidade deixar registrados todos os acontecimentos d'essa angustiosa epocha.

Atribuam as seccas a devastação das mattas como se nos calamidades não tivessem assolado o Ceará em tempos idos, quando o seu solo era coberto por uma só floresta virgem! E para substituir essas arvores gigantescas, que o machado estúpido do camponio derribou em pura perda, aconselhavam o plantio do abacateiro, (*Laurus Persia*)!

Não sou do numero dos que negam a influencia das mattas sobre os climas; todos que se têm dado a esse estudo sabem o seu valor, como o da altitude, latitude, visinhança do mar etc. O que nego, e isso escudado em factos, é a influencia das florestas sobre os invernos do Ceará.

No seculo passado era o nosso solo coberto, pode-se dizer, por uma cerrada matta virgem: pois bem, naquelle periodo o terribilissimo flagello da secca se repetiu mais vezes do que n'esto seculo. O maior numero de vezes ainda não foi tudo, mas sim a intensidade do mal.

No seculo XVIII tivemos tres annos de secca ao passo que n'este seculo até agora somente dez annos! Acresceu que as seccas do seculo passado excedoram as d'este seculo em intensidade e duração.

A tradição ainda nos entregou palpantes do assombro os tragicos acontecimentos das calamidades do começo e fim do seculo XVIII.

Em nossos dias a secca que mais durou, durou tres annos, foi a de 1877 que se prolongou até o fim de 1879. As outras foram de um anno só e algumas parciais.

No seculo passado tivemos seccas de quatro e cinco annos como as de 1723 a 1727 e as de 1790 a 1793. Da primeira pouco sabemos de seus horrores, mas da segunda, da qual existem ainda contemporaneos, que de seccas horribes!! Sem assistencia publica e sem meios facéis de communicação ficaram situados os habitantes do sertão á discrepção da natureza e dos abutres.

Se as seccas do seculo passado ainda não foram sufficientes para provar a nullidade das mattas com relação ao phenomeno climatérico que de tempos em tempos esteriliza a terra e mata homens e rebanhos em uma grande area do norte do Brazil, volteemos mais um seculo e o que encontramos nós? A historia atoradora de plentecos flagellos e grandiosos flagellos e as fontes transbordavam de cheias! D'esses tempos pouco ficou nos archivos publicos, mas as poucas paginas que escaparam á indifferença de nossos antepassados e á mão destruidora do tempo são negras de acontecimentos tragicos e desoladores. Uma das mais purgentes é uma memoria que existe nos archivos da camara do Recife sobre a secca de 1692. N'esse tempo é de presumir que arvores colossaes cobrissem este pedaço de terra, que uma vez por outra a secca reduzia a um montão de ruínas!

Deixo de parte a influencia das mattas e as medidas atenuantes e preventivas das seccas, das quaes não posso deixar ainda uma vez de lembrar os alambiques para a distillação d'agua do mar, a recolhação de arvores sãas de chuce, a abertura de estermos, os celeiros para conservação de legumes, os observatorios meteorologicos, os armazens para guardar farragem, e vou me occupar das manchas do sol.

Cada inverno que passa no Ceará mais me convence de que as seccas são simplesmente devidas a correntes aereas. As mattas e os depositos d'agua nada influem sobre esse phenomeno climatérico e muito menos com elle coincide o numero de nimbas de manchas do sol.

A primeira dessas proposições fica exuberantemente provada com as seccas que assolaram o Ceará quando cobria o seu solo uma floresta virgem sombrendo perennes manacinas. A segunda posso hoje, baseado em mais dez annos de observações astronomicas nos primeiros observatorios do mundo, completamente refutar.

A pretendida coincidência encontrada pelo Sr. Barão de Capuena entre a minima de manchas solares e as seccas do Ceará e que combati em meu livro «Historia da Secca» não assa de uma observação erronea.

As manchas solares são notadas desde a antiguidade. Ovidio e Virgilio falam dellas, e os astrónomos chinezes começaram a observal-as no anno de 301. Mas esses burneos disseminados na superficie desigual do sol, que apparecem como sombras no chromosphero, porém com uma claridade duas mil vezes maior que a da lua cheia, pensa a astronomia contemporanea, a exemplo dos astrónomos antigos, influir sobre a terra.

Vem de longa data a influencia das manchas solares sobre a temperatura do globo e seu estado meteorologico. Já em 1611 Ballam em cartas a Galileo opinava pela influencia das manchas do sol sobre a temperatura terrestre, que baixava sensivelmente quando o numero de manchas attingia o minimo. (*)

No começo d'este seculo William Herschell opinava tambem pela influencia das manchas solares sobre o clima do globo e em falta de observações meteorologicas serviu-se das tabellas do preço do trigo em Inglaterra e concluiu que as manchas do sol são signos de abundante emissão de calor e que, quanto mais fosse o numero de manchas, mais elevada seria a temperatura e portanto maiores seriam as colheitas.

Ballam e Herschell attribuiam uma causa com effects diversos. Para aquelle a temperatura baixava na razão directa do numero de manchas, para este dava justamente o contrario.

As opiniões de Herschell foram mais tarde combatidas por Gauthier, Arago e Barral. Elles tomaram para elementos de comparação as observações das manchas do sol feitas por Schwabe de 1823 a 1851, as observações meteorologicas feitas durante aquelle periodo em França e o preço annual do trigo e chegaram ao conhecimento de que o preço minimo do trigo correspondia ao periodo de minimas de manchas, resultando diverso do obtido por Herschell.

Rodolpho Wolf estudando a questão das manchas, depois de ter consultado uma chronica de Zurich que vai do seculo XI ao XVIII conclue que os annos mais férteis correspondem aos minimos de manchas, aos maximos d'essas os annos mais humidos e tempestuosos. (*)

Foi sem duvida tentado por essas theorias que o Sr. Barão de Capatema pretendeu encontrar a mais notavel coincidência entre os dois phenomenos correlacionados.

RODOLPHO THEOPHILLO.

- (*) Arago.—Astronomie Populaire.
(*) Arago.—Astronomie Populaire.

CHROMOS

A LAVADEIRA

*Isa é moça; em da fonte
Fazendo a roupa lavada,
Abre a trouca, all' sentada
Da cosinha bem desfronta.*

*Sepára de monte em monte
Camisa e saia arrendada,
Depois diz: —sai D. Amado,
Aqui está, sua roupa... contr.*

*Enquanto contam-se os peços,
O preto Thomaz, de prêsas,
Beija-las; ella diz:—bruto!*

*—Tu deixas de atirecemento...
Moleque, tem sandanemto...
Sae d'ahi, negro! — choruto!*

XI

UM DESAFIO

*A noite lá fôrta canta!
A luz é clara que cega!
D'uma esquina no bodejo
Zé Soares pinta a mont'!*

*Sapatia, cê-se e canta:
Um outro a elle se péga
N'um desafio que chega
A uma lucta que espanta!*

*Gruta o homem da guitarra
Que nichão quebrada esbarra;
—Meu Amo, eu d'aquí não saio!*

*Porque?! diz o bodequeiro,
Meu pinho-casta dinheiro...
Vae que vai... no seu Sompain!*

XII

NO TEMPO DOS CAJÚS

*No terreiro bem cavado
Famega acesa coacava;
Pedro, taçando uma cara,
Acere o brazero incendiado.*

*Das castanhas em ruído
Fervente azeite despava;
Quem na pestana e a cara
D'um pequerrucho garrido.*

*Corre o menino chorando:
Rosa, os cabellos puxando,
Diz:—Mãe de Deus, ajude-me!*

*Sai-se d'aquí, damudinho!
Acere! Bem feito... coacinho!
Vem cá... meu Deus perdoe-me!*

X. DE CASTRO.

NEVROSE AZUL.

(LIGIERS CRITICA)

Todo aquelle que, ao pegar no volume de versos de Julio Salusse, depara com este titulo tão original e bizarro espanta-se e franze o sobrolho—si é em litteratura um caturra amante dos olhos molles banhos e simples, odiando o excesso e o escandalo,—ou sorri ambeveado si é um avido de tudo quanto é ostensivo, novo, vibrante, deusa que votam enthusiasmo ao illuminado e ruidoso fim do seculo que passa, menos pelo que elle está legando de valioso na gerações do futuro do que pelo febril e fascinante desdobrar actual de scenas theatraes, umas epicas, tantas grotescas.

Eu que em nada sou extremado, sobretudo em arte, não me escandalizei com o titulo nem tambem paguei antes um graciosos bizarrin. Depois que li as palavras de introdução do livrinho e estudei a sua feição geral, supponho ter atinado perfeitamente si não trahio-me o meu pobre senso critico, em que aquellas palavras *Nevrose Azul*—decorrem intimamente do gosto litterario proprio do auctor, pois que a elle obedee e dentro d'elle gira toda a obra do distincto poeta.

Julio Salusse tem a profeta com-

prehensão d'esta arte fina, espirituosa, ironica, que architecta com amor boncas re pintadas e harmoniosas; e o fundo cambian e das suas diversas peças poeticas, em que ora é nostalgico e docuto, ora faceto e apaixonado, uma vez repousa-se á fôrta vida historica do Oriente, depois vela o tom em estrophos lugubres, es a como que emmeccido sob as tintas cor d'ouro e cor de rosa dos versos elegantes, amorosamente feitos, das rimas musicas e rebuscadas; e sobretudo d'essa forma de uma cadencia tão nitida e amena, em que as phrases mais singelas surgem graciosamente após um hemistichio sonoro, sem ofuscar-se, antes lhe roubando um pouco da musica.

Mas o que eu supponho caracteristico no livro é esse tom de fina e espirituosa ironia com que elle nos transmite as suas impressões, as suas idéas. O poeta preta que o publico não necessitaria sem uma explicação, e talvez alguns por muito obscuro, o eccentrico titulo *Nevrose Azul*, e resolveu dizer algumas palavras a respeito; fez-o de uma maneira tão elegante e ironica que a gente ao lê-las dispõe-se logo favoravelmente, encantada com esta petulancia de quem faz poesia por amor á Poesia e não por amor a esta hydra que tem mais pretensões do que cabecas,—o publico.

O anarchismo satânico de *Nevrose* não assusta a ninguém, antes fesse o sujeito com um sorriso, saboreando aquelles quatorze versos admiravelmente bem feitos. Percebe-se bem a intenção ironica do auctor, o satisfeito desejo de produzir alguns versos magistraes, aproveitando uma idéa de effeito; *ca n'est que pour faire trembler les bourgeois...* como dizem em Paris os garçôes ao serem em pratica uma gaitada ruychulesca.

Os versos das *Ballades fanhres e da Historia Singular*, no tom satânico e dolente em que são feitos, agradam de tal modo, tem uma melancolica doçura e proposital monotonia tão bem imaginadas, que fazem esquecer que se trata de uma ballad fanhbre e de uma tão singular e phantastica historia para se apreciar apenas a forma artistica e difficil.

Entretanto o que mais me é sympathico no livro de Salusse são as suas poucas produções lyricas. Acho que o poeta não deveria abandonar um tão excellente predicado como o da forma lyrica delicada e rara, que possue, para apegar-se com tanta paixão a versos de um orientalismo e pessimismo um pouco artificiosos, que parecerem tão bellos e difficils são commoda inferiores aos lyricos, choros estes de verdade, pelo menos de verosimilhança, desentimento delidendo e dizeo, e que mostram a melhor e mais pura face do seu talento artistico. Que singularidade, que melizice no sujeito da canção!

Admitem os leitores este outro...

O VINHO DO AMOR

*No sala do festim, que resplande...
Spatissima arcano a crivo e chalo.
Entro a cozinha e opoa sabuceo...
Surtos sprumantes euhos. Fatoz...*

*Perde a falla e os sentidos. Adormece
Sobre um dican da resplandente sala,
Depois do somno recupera a falla,
Porquanto a embriaguez desaparece.*

*Vinho do amor, vinho delicioso,
Quem uma vez experimenta o gozo
De te sorver não fica embriagado...*

*Pussa por um martyrio differente:
Fica louco de amor completamente
E nunca volta ao primitivo estado.*

Que paixão feliciada, que temperamento amoroso de poeta demonstra o primeiro dos «*Cygnas*», que começa:

«*A vida, manso logo azul...*»

Como lyrico, Julio Salusse lembra o iguala, como em *Beijos*, a doçura petrarcbiana de Olavo Bilac na *Via-Lactea*, ou a simplicidade correcta de Gonçalves Crespo, por exemplo no *Juramento*.

Sinto-me feliz por ter podido consagrar estas desprezenciosas linhas ao primeiro livro de Julio Salusse, — rapaz de grande talento e bom gosto, a quem abraço pela auspiciosa estreia, auspiciosa e brilhante como penas.

LEOPOLDO BRUNO.

INTIMA

*Não sei que calmo a fluctua
Em teu olhar.*

*Tão pura e tão poderosa.
Sagrada mysteriosa,
Tal como a calma do teu canto,
Ou como a calma do mar.*

*Muita vez minh'alma em pranto,
Amargurada,*

*Como uma corça ferida,
Procura a fonte da vida
Na harmonia do teu canto,
Na unção da tua risada.*

*Parcees-me um ser aereo,
Sylpho ou anjo,*

*Que assistendo a tua imagem
Para o cento na ranaquem...
Cerca-te um fluido, um mysterio.
E é sagrado quanto abranjo!*

*E este amor ardente e puro
Que me inspira
Tem tal força, tal encanto.
Tem tal poder, é tão santo,
Que em seu segredo, obscuro,
Tem o clarão de mil pyras.*

*Basta ver-te, e o meu olhar
Morto e cego,
Brilha, lampeja, se inflamma
Tem fulgor de vicia chamma
Como um sol a incendiar
A quietude de um lago.*

*Ah! como eu te adoro! santa!
Meu clarão!*

*E' tão profundo este amor
Como a Saudade e a Dor!
É a flor que se leccanta
Das rainas de um coração.*

Camocim—95—

LIVIO BARRETO.

O exame primario

(AO SABINO BAPTISTA)

Naquelle dia, o acanhado salão da 1.ª escola primaria apresentava um aspecto novo, desusado, tolo entestado de bandeirinhas de papel de cor. — suspensas de fios que se combunham a uns dois metros do solo em losangos irreprehensíveis.

Papoulas rubras, soltas profusamente pelas mezas, eram como nodos de sangue nos velhos moveis sem lustre.

Rapazes de roupas claras e gravatas espaventosas acotovelavam-se, fallando baixo e retorcendo os beiços e o nariz para dar mais expressão a palavra.

Havia um rumor abafado de vozes e risos incompletos.

O professor, sério, de oculos, de sobrecasaca preta, de gravata branca, imprecitava-se com a demora da comissão, e ia de minuto a minuto à janella, limpando a testa com um lenço branco com monograma de tinta preta.

D. Chiquinha, professora primaria e examinadora nomeada, foi a primeira a chegar, mettida num amplo vestido de merino cinzento com grandes aneiros de seda preta e chaço pequeno equilibrado na cabeça.

— Que estava um calor!... dizia ella, limpando-se com o lenço, muito vermelha, enquanto o collega amavelmente guardava-lhe o chapéo de sol.

O relógio da Camara Municipal badalhava 10 e meia, quando chegaram os outros examinadores.

O padre Lima, presidente da comissão, tomou assento, enquanto o professor Hermeto offerceia a cadeira da esquerda à sua collega e comadre D. Dondon, que ria-se muito, mostrando a demadura postica.

Dois mocinhas da vizinhança acharam meio de se collocar numa cadeira só, perto da Marica do Soares, que tinha ido assistir o exame do filho.

O ex-professor Medeiros, com desonovannos de professorado e a 4.ª edição dos seus Elementos de Arithmetica, actualmente empregado no Correio, mostrava ares de homem superior, olhando para uma carta topographica do Ceará, que pendia bentificamente de uma parede, lustrando.

Um collega do Correio lhe fazia perguntas, folheando um compendio da Historia do Brazil e indagando dos feitos dos heróes lithographados do livro, para beber, como uma coisa rara e bemfazeja, a palavra autorizada do ex-professor.

— E este quem é?
— Este é Duguay Trouin, almirante inglez.

— E este, seu Medeiros?
— Este é José Clemente Pereira, irmão do grande José Bonifacio. Foi elle quem repetiu as palavras de D. Pedro I: Como é para bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico!

— Fico o que? o que é esse fico?
— Ora! fico! fico! faziz elle expressando-se muito com os braços e lamentando a ignorancia do collega. Uma das mocinhas achava muito

sympathico um telegraphista novo e fallava baixo com a companheira, revizendo os olhos e tapando a bocca com o leque de plumas brancas.

O padre Lima rompeu o silencio:
— Curso superior, Calligraphia e redacção.

Houve um zum-zum de vozes que pediam papel ao professor Hermeto, que ia e vinha numa asafama doida.

E enquanto as penas dos examinadores corraam sobre o papel branco das provas, a Marica do Soares indagava da saúde de D. Marianna, mãe do padre Lima.

— Boa, boa, obrigado, respondi-lhe o padre, limpando o suor, muito cuidadoso para não inutilizar o penteado que lustrava de olea.

D. Dondon conversava com o comadre Hermeto e fallava do seu filho, o Medeirinhos, que estava muito adiantado, muito intelligente.

— Espie, comadre letra muito numerosa... tenho fé nelle... muita fé. O Medeiros quer que elle seja doutor, mas eu não consinto. Hade ser padre. Tem muita vocação para padre...

— Pois a minha Laura vai para a Escola Normal. É alguma coisa que elle deixa, na ausencia de riquezas.

O desembargador Fabricio conversava com um sujeito de oculos azuis e consultava o relógio.

O ex-professor Medeiros conversava agora com D. Chiquinha e censurava o collega Hermeto, por estar fumando no salão dos exames.

Que era odioso! Tinha sido professor dezesove annos e nunca fumara na aula. Nunca!

E mettia um cigarro na pitreira, dizendo que o desrespeito estava plantado estava, sim...

— Prova oral. Lettura e recitação, gritou o padre Lima, assignando a ultima prova escripta.

— Que é da «Vida Practica»? indagava D. Dondon riado.

Deram-lhe a «Vida Practica».

Ella mandou o Medeirinhos ler.

E o Medeirinhos leu numa voz arrastada, sem arte e sem nexo, um periodo do livro.

D. Dondon illuminava-se e dizia baixo ao padre Lima.

— Talento! Muito talento!
— Recitação! ordenou o padre, entusiasmado-se pelo filho de D. Dondon.

O Medeirinhos ergueu-se e começou a recitar, numa voz aflautada e cantante, uns versos do padre Durão, mostrando todo o despropósito daquelles velhos decasyllabos mofados.

— Bula com os braços, gritava D. Dondon. Você não faz a mimica, menino? Bula com os braços, aude.

O Medeirinhos achava impossivel recitar-se assim, e pensava:

— Si bulisse com os braços, esquecia-me dos versos. Um diabo!

— Bula com os braços, menina. Olhe; — *Li na India*... Espontava para o ponto propheticamente.

O Medeirinhos, depois de um esforço desesperado, conseguiu sempre deixar cair o braço, num desfallecimento que a gente sentia.

Um outro começo:
* Quando ella se alteiou das brumas do horizonte.

« O cabelo revoltado, a pallidez na fronte... »

E quando, mais adiante, fallava em morte, apontava para o peito convulsivamente.

Passou-se á anatomia.

Quaes são os ossos principaes da parte inferior do corpo humano? perguntou D. Chiquinha, dirigindo-se ao Medeiros.

— Da parte inferior?

— As pernas, as coixas, ensinou D. Dondon.

— Quaes são os ossos principaes da parte inferior do corpo humano? perguntou de novo a examinadora.

— Os ossos principaes? são a coxa, a batata da perna...

O ex-professor Medeiros apertou o nasgado, arregalou os olhos e gritou ao filho, zangado:

— Attenção! Olhe: quaes são os ossos principaes da parte inferior do corpo? Entendeu?

E equilibrava o dedo perto do nariz cathedraicamente.

Afinal o Medeiros ajudado pela mão, desembuchou:

— São os ossos da canella e da coxa...

Seguiu-se a discussão.

Cada alumno recitou um discurso, cheios todos de metaphoras audazes, de uma velha rhetorica sem saborosa e gasta.

Um chegou a asseverar que « a instrucção era um rio perenne de luz e de auroras » e concluiu dizendo que « o combate estava travado entre o dragão da troya e a estrella luminosa da revolução da juventude ».

Batiam palmas.

Concluiu-se o exame, e, enquanto os examinadores e os convidados bebiam cognac e vermuth, o padre Lima, que não hebia, concertava o penteado, mirando-se num espelho grande amarrado á parede, e dava sacudidelas ao collarinho bordado da batina, equilibrando-o.

Da costura vinha um cheiro agradável de doces, e no corredor arrastava-se a pesada obesidade da dona da casa, fazendo chiar no ladrilho as chinelas de couro.

E o professor Medeiros asseverava que « aquillo era « a festa do futuro » e a esperança da patria arruinada ».

ARTHUR THEOPHILO.

A resposta do mar

1

*Pergunta a Concha na dia
do Mar, que rouco hebraio.*

*— O vade mar trublento,
por que caxa assim de rijo,
me expellido de teu bojo
onde eu fiz meu aposento? —*

*E o mar, que se intumescen,
raucoso, não responde...*

*Ma a praia alta e deserto
de conchas ficou coberto?*

*Tambem na Vida sem morte
o Homem pergunta á Morte:*

*— Negra patria traioçeira
(tu que não explica a sciencia)
dize-me porque a existencia
fazes curtos passagira? —*

*E cheio de indecisão
espera a resposta em vão:*

*Mas a morte, em seus mysterios,
me enchendoas semiterios...*

(Das Vagas).

Coimbra - 2 - 1895.

SABINO BAPTISTA.

A NOSSA CORRESPONDENCIA

RIO DE JANEIRO, 15 DE DEZEMBRO DE 1894. (Botafogo, rua D. MARCIANO 32.) A *Padaria Espiritual*. Meus caros confrades. — Agora somente posso responder á amavel carta vossa, em que me communicaes ter eu sido honrado com a nomeação de socio correspondente da gloriosa *Padaria Espiritual*. Deenças, desgostos e tedio motivaram a demora larga que houve na resposta e no agradecimento. Emfim, mais vale tarde que nunca... Brevemente, dentro de oito dias talvez, mandarei á vossa bibliotheca uma pequena porção de livros, entre elles, um volume meu que está a sahir.

Fico aqui, para tudo, ao vosso dispor. Não é um offerecimento platónico, este. Feliz seria, se se apresentasse occasião que me permitta mostrar a sinceridade e boa vontade com que o faço.

Um grande abraço do collega, admirador e grato. OLAVO BLAC.

Rio, 21—12—94. *Mocorpe Jurema*. De posse do seu *Retrospecto* e da carta em que se dignou communicar-me que a *Padaria Espiritual* escolhera-me para socio correspondente nesta capital, agradeço a remessa do opusculo e as referencias honrosas ao meu humilde nome no mesmo incluídas, e aceito a indicação d'aquella sociedade litteraria e aqui estou para servir-a.

Vejo com grande prazer que os padeiros não dormem: o signal é precursor de uma renovação mental na terra de Itacema. Peço, pois, que me contemplem entre os seus apreciadores, e que não desanimem. O futuro é dos que traballam.

Em que p' vai a biographia do Verdeixa? E o cancionero cearense? E preciso que não abandonem a idéa.

Por estevapor a casa Fauchon & C. remette á *Padaria* os dois livros que publiquei ultimamente: *Gregorio de Mattos* e *Perfil de José de Alencar*.

O primeiro pode ser lido com vantagem por alguma padeiro dado á viola, no domingo, debaixo das coqueiras do Mocoripe ou á sombra de algum cajueiro frondoso d' Mecejana. Escrevi esse livro pensando num leitor sertanejo, um leitoa rical, de

coroia e canias, que tivesse a pachorra de ir folhear-o, deitado numa rede, á balouçar-se soprado pelos ventos da praia. « Do patriótico e am. affectuoso T. A. ARARIPE JUNIOR.

MEDALHAS

X

FERREIRA DE ARAUJO

*Quem o lê cai de riso enqatilhado,
Certo de que, logo da primeiras linhas
Encontrará, a lhe fazer losquinhas,
Um bom dito de chiste endemoniado.*

*O seu humor subtil e delicado
Sabe tirar de cousas comestivas
Notas cicas, tracezadas, escarninhadas,
Algumas de sabor apimentado...*

*De quando em vez, porém, fecha a coiza
ranca,
E com artigos miaculosos desbanca
Quem quer que cenha lhe fazer tuta.*

*Mas As quintas e Aos sabbados surtino
E no papel transcura a bregeira
Fina e tribante de SENIOR LATA*

XI

AUGUSTO DE LIMA

*Seu estro puro e nobre tem do seu
A magestade altica e a força ingente,
— Ora a espraier-se calmo e soberano,
Ora a torcer-se convulsivamente.*

*Tal como o mar, escolde em seu arco
A profunda tristeza de um desceito
(Razo paul do coração humano),
E da affeição a perla nitente.*

*Presenta a Natureza como sabio,
Sabio meigo e bondoso, cujo labio
Do Amor sabe entoar a cacatino.*

*Mas quando acaso o ferem os recos
Nas suas rimas sobrenadadas fizes
Da mordente ironia de Barbrino...*

XII

GARCIA REDONDO

*A sequidão de estudos positivos,
Das linhas e dos numerosa sciencias
Não puderam roubar-lhe d'intelligencia*

D'Arte os dicinos esplendores cica

*Das bellos sentimentos affectivos,
Que nelle têm tão calida cohenencia,
Ramilhetes tecen roseos, festivos,
De uma exquisita e delicada olencia*

*Quanta do lar as placidas delicias
Nessas mimosas e joicas CARICIAS,
— Flores festoes de beijos carinhos.*

*E ao lê-lo, nossas almas se commoem
Vendo-o—risocho patriarcha joren—
A abençoar os qdervulos filhinhos.*

MOYRA.

RECADOS

A epigraphie desta secção quasi que dá a entender a que fim ella se destina. Mas tal não acontecendo, tenha o leitor a bondade de ler o que vai por aqui abaixo, e me julgarei dispensado de definir-lhe o programma.

Eu começo :

O nosso estimavel collega d'A Republica tem a muito o louvavel cuidado de acompanhar as peripeccias da obstinada campanha sustentada por Zola com o fim de conquistar um logar na Academia Franceza, o que lhe tem acarretado successivas derrotas, (a Zola e não ao collega d'A Republica)

Sempre que o collega noticiava um novo fiasco de Zola, a elle se referia em termos respeitosaes, censurando a teimosia dos Immortaes em repellir do seu gremio o immortal auctor de Lourdes.

Depois, porém, que este livro foi fulminado pela excommunição papal, o referido collega mudou de diapasão, e só não chamou Zola—santo!

Que quer dizer isto ?

Dar-se-a o caso de querer o collega engrassar com o Papa ?

O director—proprietario de um estabelecimento de instrucção publicou ha dias na imprensa diurna um annuncio do mesmo estabelecimento, que começa assim :

« Me sendo transferida a propriedade etc. »

Porque não entra o Sr. director — proprietario para a aula de portuguez do seu collegio ?

A Revista Moderna, do Recife, falando sobre a Padaria Espiritual e o Centro Litterario, diz o seguinte :

« Sabemos haver divergencias entre as duas associações litterarias cearenses... »

« Lastimando o facto, porque não admitimos que se creem partidos litterarios sob a chefia de certos e determinados individuos, não porque algum delles não estejam na altura de ser chefe pela mais ampla illustração ou mais fecundo talento que porventura possua, mas sim porque, de alguma forma se torna humilhante a posição dos outros confrades de lides, estenderemos os braços aos dous grupos belligerantes do Ceará n'um amplexo fraternal. »

Pela parte que nos toca, declaramos ao collega o seguinte :

1. — A Padaria Espiritual não é um partido litterario sob a chefia de certo e determinado individuo mas uma associação liberrima, cujo director nenhuma pressão exerce nem quer exercer sobre o espirito de seus confrades, que desenvolvem a sua actividade intellectual cada um segundo o seu gosto, tendencia ou predilecção ;

2. — A Padaria Espiritual nega que esteja em divergencia moral com o Centro Litterario em sua collectividade, pois conta no seio deste gremio camaradas que preza e talentos que admira, dando-se mais o caso de haver rapazes de letras que pertencem a ambas as associações.

A Padaria Espiritual faz o que pode

em prol da realisação dos seus intuitos, sem procurar de forma alguma enpanar o merecimento atbeio, applaudindo, ao contrario, tudo o que concorra para o enaltecimento da mentalidade cearense.

E' o que temos a dizer ao collega da Revista Moderna, no qual aconsellamos a não se deixarem facilmente levar por informações de individuos acostumados a manear armas indignas de gente que se presa...

Um noticiario da nossa imprensa, referindo-se a duas comedias representadas no theatro do Club Tracema, chamou-lhes — *incommensuráveis!*

Quantos e de que tamanho seriam os actos dessas *dannadas!*

O mesmo noticiario disse a dias que a *Revista Illustrada é immensa!*

Como não nos consta que tenha a Revista augmentado o formato, estamos inclinados a crer que houve equivoço do noticiario e qual queria referir-se talvez ao *Jornal do Commercio* ou ao... Pão d'Assucar.

O Sr. João Camira, em seu *Almanach* da Cidade da Fortaleza, diz que *O Pão* se publica *bimensalmente*.

Não podendo suppor que esse cavalheiro entenda por — bimensal — uma coisa que se faz duas vezes por mez, exigimos que fãça recolher a edição do seu *Almanach* e accrescente um *Errata*, mesmo a penna, o seguinte :

Na parte relativa a *O Pão* onde se lê *bimensalmente* leia-se *quinzualmente*.

Pedimos esta corrigenda em bem da veracidade da historia e da tranquillidade dos nossos assignantes.

M.

Estophe Japoneza

(ADAPTAÇÃO PORTUGUEZA DE BRUNO JACY)

*Tudo em nós é mortal, tudo é miseria,
A alma está só no cérebro e na arteria,
Diz a subdoria occidental...*

*Mas é propriedade da materia
Sempre andar em procura do Ideal!...*

NA-YU-SHIMA.

Card—1894.

CARTEIRA

JOSÉ CARVALHO

Dois sertões do Crato, por onde andou a pretexto de estar doente, regressou ha dias o nosso presado consocio José Carvalho.

Prometteu-nos elle escrever os incidentes da sua viagem á prodigiosa terra da beata Maria d'Araujo, e para esse curioso trabalho emprazamos os nossos leitores.

Um abraço ao Carvalho.

A NOSSA RESERVAÇÃO

O Pão continúa a ter o mais lisongeiro acolhimento por parte da imprensa do paiz.

Em termos honrosos se referem a elle *O Paiz*, a *Gazeta de Noticias*, da capital Federal; a *Renascença*, da Bahia; a *Parolha*, do Maranhão, o *Correio Mercantil*, de Macaé; o *Estado*, do Rio G. do Norte, o *Diario do Maranhão* e o *Minas Geraes*.

O primeiro dos dois ultimos, além de uma boa noticia, publica uma carta que lhe dirigiu o nosso distincto consocio J. F. Gromwell a respeito d'*O Pão*.

O segundo nos faz honrosissimo acolhimento e transcreve uma das nossas *Medalhas* e a noticia que demos sobre a *Revista da Faculdade Larce de Direito* de Minas Geraes.

Arthur Azevedo tambem nas suas espirotozas *Palestras*, d'*O Paiz*, nos fez lisongeiros referencias, que muito nos penhoraram.

JOSE CARLOS JUNIOR

Um forte accesso de influencia tem preso ao leito o nosso querido chefe José Carlos Junior.

Devido a isto não lhe foi possivel dar neste numero a continuação do seu interessante artigo *A infancia out'ora e hoje*.

Fazemos ardentes votos pela prompto restabelecimento do estimavel camarada.

ALMEIDA BRAGA

Acha-se a passeio nesta capital o provector engenheiro e valente Badeiro Almeida Braga, chefe de secção do Prolongamento da E. F. Baturité.

Receba o querido consocio um abraço correspondente a sua solidissima musculatura.

VIANNA DE CARVALHO

Fomos honrados com as despedidas deste talentoso amigo, que se guiou para o Rio, afim de matricular-se no curso superior da Escola Militar.

Boa viagem e muitos louros desejamos ao Manú.

PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbia na de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago: — Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficeis, azias, flatulencia, peso de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da rejeição, etc.

PEITORAL DE JUCA, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito: — Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue, tísica, etc.

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exarcebações do systema nervoso: — Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos, das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, chlorose, etc. Mui util como preservativo das febres intermitentes ou sezões e nas convalescenças.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfartadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATOS DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculo ou pedras,) rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSAPARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI-ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre

INJECCÃO ANTI-BLENORRHA-

GICA. Cura em pouco tempo blenorragias recentes ou chronicas.

POS DENTIFRICOS. Alveção e conservação os dentes e perfumão a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se á venda na pharmacia Gonzaga.

80 Rua do Major Facundo 80, Ceará.

Aguiar

O proprietario desta acreditada loja de modas apressa-se em saudar a sua *amavel frequencia*, fazendo votos para que o corrente anno lhe seja todo de venturas.

E outro sim: cumpre-lhe chamar a attenção para os lindissimos artigos que acaba de despachar.

A mais chic *demoiselle* e o mais exigente *dandy* encontrão com que satisfazer os seus elegantes caprichos, procurando o que precisam na loja

AGUIAR

69, RUA MAJOR FACUNDO, 69

ESTAMINET EUROPEU

Artisticamente montado com o mais esmerado gosto e asseio, garante boa mesa e preços modicos.

Promette-se a maxima promptidão no serviço e a mais principesca delicadeza.

PROPRIETARIO,

Manoel Pereira dos Santos.

108 B - Rua Formosa - 108 B

GRANDE LOJA DE JOIAS

A MAIS ANTIGA DESTE ESTADO

Joias de ouro, brilhantes e pedras preciosas de todas as cores. **Relogios** de ouro, de prata e nickel, para algibeira, inglezes, americanos, suissos, etc. etc. **Relogios** para paredes e banca, despertadores de todos os preços. **Lunetario** superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Weil & C.

70 RUA DO MAIOR FACUNDO 70

CONFUCIO

Casa fundada em 1881

Endereço telegraphico--CONFUCIO--Telephone n. 11

31 - Caixa do Correio - 31

Confucio Pamplona & C.

Proprietarios

Especialidade de artigos para o uzo domestico desde a sala de visitas á cozinha, ou qualquer aposento, se encontra neste estabelecimento: objectos de applicações indispensaveis e uteis como: Pianos, Fogões, Mobílias, Espelhos, Tapetes, Crystaes, Louças e Vidros, Fazendas e artigos de Modas, Trens para cozinha, objectos para escriptorio, alcovas, gabinetes, banheiros, jardins, salões, hotéis, cafés, restaurants, Igrejas, navios, chacaras, chalets, clubs, etc., etc.

Candieiros, brinquedos para crianças, objectos para presentes e bebidas finas.

Mobilia-se uma casa em duas horas

Importação directa da - França, Inglaterra, Alemanha, Belgica, Portugal e Estados-Unidos da America do Norte

RECEBE CONSIGNAÇÕES

Tem correspondencias para todos os Estados da Republica

Deposito de objectos para viagens, e agencia de charutos, chá fino e artigos de novidades

59 e 61-- Rua do Major Facundo--59 e 61

CONFUCIO

VENDA EM GROSSO E A RETALHO

—FORTALEZA—

«Estrella do Oriente» t

Este emporio de modas continúa a afirmar a sua já reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria européa produz de mais fino e mais elegante. A «ESTRELLA DO ORIENTE» avanta-se pelo esmerada escolha dos seus artigos os quaes não se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de bom gosto não tem mais que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

52— Rua do Major Facundo—52

Preparados Medicinaes

DO PHARMACEUTICO CARLOS DE MIRANDA

Approvados pela Inspectoria de Hygiene do Estado

AGUA INGLEZA

(MODIFICADA)

Substitue vantajosamente a antiga Agua Inglesa em todos os casos em que se faz mister a applicação d'este agente therapeutico.

Como tónico, anti-febril é um poderoso estimulante do organismo depauperado por graves enfermidades e um estomachico de primeira ordem.

Xarope pectoral de angico composto Remedio maravilhoso e unico para tosse, bronchite asthma e toda affecção pulmonar.

PRAÇA DO FERREIRA N.º 6.

Phenix Caixeiral

Este novo importante estabelecimento, reaberto sob a gerencia d' Heracleito Domingues, é hoje a primeira casa de modas e phantasia desta capital.

Dispõe de um magnifico e variado sortimento de tudo quanto a industria européa, tem inventado em elegancia, luxo e arte, e adoptou o seguinte programma: Vender barato e a dinheiro.

54. Rua Major Facundo. 54.

A'S NOVIDADES

Reabriu-se a concorrência este conhecido estabelecimento da nossa praça. Especialidade em quinquilharias, louças, vidros, e artigos para uso domestico.

Proprietarios.

CASTRO SILVA & C.

56--Rua Major Facundo--56

Oliveira Rola

Agente de

LEILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

Typ.—STUDART—Rua Formosa n. 47.